

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Artista/Professora
e seu papel mediador

Stefanny Rios Rodrigues

Belo Horizonte

2023

Stefanny Rios Rodrigues

Artista/Professora
e seu papel mediador

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Artes Visuais, da Escola de Belas Artes, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Belo Horizonte

2023

Artista/Professora
e seu papel mediador

Trabalho de conclusão de curso apresentando ao curso de Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gérias, como requisito Parcial para obtenção de título de Licenciada em Artes Visuais

Orientadora: Profa. Patrícia de Paula Pereira (BELAS ARTES)

Profa. Silvia Amélia Nogueira de Souza (CENTRO PEDAGÓGICO)

Sumário

Agradecimentos	8
Resumo	10
Todo mundo tem uma história para contar	11
Vivências como professora de arte/mediadora e diálogos com Mirian Celeste	15
Pensando a mediação artística/cultural	16
Professor- curador	23
Despedida	31
Referências	33

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à Deus por todas bençãos concedidas. A todos aqueles que me mantiveram apaixonada pela arte e pela educação. Em especial, a minha mãe, Solange, a minha irmã Thauany, meu querido pai José Neri, meu companheiro da vida Luis Otavio e o meu lindo filho Lucca.

A minha querida bisavó Pureza (in memorian), que nos deixou há pouco tempo, mas fez tanto por mim ao longo da sua vida.

Meus queridos amigos e companheiros da graduação Yasmin, Dominique, Lisandra e Chris.

Aos professores do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFMG, em especial Patrícia de Paula, minha orientadora, por constantemente ter me lembrado do respeito que preciso ter pelo meu tempo e pelo comprometimento que tenho enquanto pesquisadora, bem como pelo exemplo de coerência e empatia pelos novos caminhos que me foram apresentados. Agradeço também à professora Rosvita Kolb pelos aprendizados que também atravessaram esse caminho.

Agradeço a Banca Prof.^a Silvia Amélia, por aceitar o convite e pelos ensinamentos.

A todos que entendem a paixão que tenho pelo aprendizado, meu muito obrigado.

“Os museus são espaços que suscitam sonhos”.
Walter Benjamin

Resumo

O presente trabalho explora a experiência das mães artistas na conciliação entre carreira e cuidado com os filhos. Baseado em autores como Miriam Celeste Martins e outros. Destaca-se a habilidade de se organizar e trabalhar em horários flexíveis, muitas vezes concomitantes pela criança. Além disso, ressalta-se a importância dos territórios de arte e cultura como espaços de estímulo ao pensamento rizomático. Observe-se que a comunicação de Babel é uma metáfora para a diversidade de linguagens e formas de expressão presentes na arte. Destaca-se também a herança do afeto na educação e mediação cultural, promovendo experiências estéticas enriquecedoras. Oferece insights valiosos para artistas, educadores e profissionais da área, proporcionando novas perspectivas sobre a relação entre maternidade, arte e cultura.

Palavras-chave: Territórios de arte e cultura, Afeto na educação, Transformação dos sujeitos, Arte e educação

Todo mundo tem uma história para contar...

Peço licença para te perguntar: você quer ler um pouco – bem pouco mesmo – da minha história? Caso esteja um pouco relutante, quero dizer que a primeira vez que me disseram para começar essa pesquisa falando sobre a minha trajetória, achei desnecessário. Por que escrever sobre os lugares por onde passei era importante para concluir o meu curso de licenciatura?

Eu vim de uma cidade bem pequena chamada Lagarto-Sergipe, não fiquei muito tempo lá. Morei em Salvador por 8 anos com a minha família. Até, então, vivo em Minas Gerais onde foi um dos meus pontos de partida para iniciar meus percursos na arte. Sempre gostei de desenhar e fui uma criança curiosa. Posso dizer que até hoje ainda sou. Para tanto, revisito minha trajetória, para reafirmar meus desejos e jamais esquecer de onde eu vim.

Meus primeiros contatos com a arte foi desde pequena, quando Mainha me presenteou com lápis e cadernos para desenhar. Ela sempre acreditou em mim, quando eu mesma não acreditava no meu potencial. Depois veio a escola Municipal Francisco Campos, em Belo Horizonte (MG), Onde tive a minha primeira professora de artes na 5ª Série, do 6º ano: a Daniele Damasceno Fischer. Ela me deu uma caixinha de pastéis secos que tenho ainda hoje. Foi na escola que eu afirmei para todo mundo que eu queria ser artista.

Os meus contatos com arte sempre tiveram várias pessoas por trás. Foi nas aulas de grafite com a Letícia Pereira (artista e grafiteira), na época do projeto “Fica vivo”. Letícia me apresentou o mundo do desenho, da aquarela e, desde então, sempre procurei praticar. Eu folheava suas revistas que ensinavam técnicas de desenhos sobre como desenhar cavalos em cadernos de desenhos. Com o tempo mudando de ares, troquei os cadernos pelas folhas Canson, de 200 g. Era sempre a

primeira a chegar na sala e a última a sair, pois eram aulas instigantes.

Em 2014 entrei para a Escola Estadual Flávio dos Santos. Uma outra professora de arte me instigou: Vivian Desidério. Foi nas aulas dela que fui conhecendo as vanguardas européias que, até hoje, não esqueceu dos movimentos nem dos artistas. Todo esse percurso me levou até aqui: a Licenciatura em Artes Visuais. Aqui eu consigo ressignificar o meu olhar para as coisas que me cercam e me tocam, encontrando com a minha própria cultura.

Nesse momento, posso não ser a artista que gostaria de ser, como estar em galerias e museus ocupando esses espaços, mas foi a licenciatura que me seduziu e me conquistou aos poucos. Ser artista/professora: as duas atuações, hoje, ocupam o mesmo lugar de importância para mim.

Meu processo artístico é ver que a minha galeria é a minha casa. Eu passei tanto tempo dentro dela que comecei a desenhar sobre o assunto que sempre reverberou dentro de mim: a maternidade. Me reconhecer nas pinturas e ver meu filho nelas, nas manchas de água e em tinta a óleo. Ao desenhar ele brincando ou pisando em uma poça de água, tento eternizar esse momento tanto em minhas pinturas quanto em registros de fotos. Enquanto busco o equilíbrio entre a faculdade e o cuidado com meu filho, como mãe artista, transformo meu processo criativo a partir da maternidade. A chegada do meu bebê marca um momento de mudanças. Em meio a minha rotina e novas preocupações que se inserem no meu cotidiano. Como artista, a experiência de cuidar de um filho, ainda que traga desafios em dobro, pode dar um novo rumo para as minhas produções.

Eu estudava muitas vezes seguidas das minhas crianças e em horários “bem malucos”. Como mãe artista, estou esperando pela impossibilidade de me dedicar tanto à minha profissão e aos estudos como antes. No entanto, desenvolvi a habilidade de me organizar melhor. A maternidade me trouxe a necessidade de estimular o tempo e aproveitar cada momento disponível para criar. Embora seja desafiador, essa nova dinâmica me fez descobrir novas formas de expressão artística e encontrar um equilíbrio entre ser educadora e o cuidado com meu filho.



Figura 1 Pinturas a óleo apresentação da disciplina pintura projeto 2019. Fonte arquivo pessoal



Figura 2 Pinturas a Óleo apresentação da disciplina



Figura 3 Aquarela do Lucca 2022. Fonte: Arquivo pessoal

Vivências como professora de arte/mediadora e diálogos com Mirian Celeste

Em meu cotidiano profissional como professora de artes visuais na Escola Carneiro livre de artes que antes era Ateliê\Escola Thayana Carneiro vejo, que no meio dos meus alunos quando questiono se já foram aos museus ou galerias, percebo que apenas uma ou duas crianças já vivenciaram esse momento E mesmo sendo poucas as crianças que possuem o contato, percebo também que acabam sendo afetados pelas produções artísticas. Porém, sem entrar no campo do sensível. Segundo (MARTINS, 2011, p.13), além de ter o contato com objetos artísticos é, também, de suma importância estimular experiências artísticas com objetos propositores. Nesse sentido, há uma necessidade de contato com experiências que se tornam provocadoras para a criação das ideias de nutrição estética, do aluno e do professor propositor.

No percurso, a proposição da leitura de uma imagem incompleta, tenta provocar idas e voltas conceituais na percepção do próprio ato de leitura oferecido como curadoria educativa na processual idade da mediação artística/cultural. Deslanchar, tirar a tranca. Não será está a tarefa maior da mediação artística/cultural? Abrir o que estava travado, libertar o olhar amarrado ao já conhecido para ver além? Não será este o sentido da educação estética? Os territórios de arte e cultura, instigando o pensamento rizomático, não seriam nutrição estética para ir além das obras de arte conhecidas e das biografias dos artistas?

refere-se a espaços físicos, virtuais ou simbólicos onde ocorrem práticas artísticas e culturais. Esses territórios podem incluir museus, galerias, espaços públicos, comunidades online, festivais, entre outros.

“Instigando o pensamento rizomático” refere-se à abordagem conceitual proposta por Gilles Deleuze e Félix Guattari, que desafia a forma linear e hierárquica de pensar e propõe uma forma de pensamento mais complexa e conectada. O pensamento rizomático enfatiza a multiplicidade, a não linearidade e a interconexão entre ideias, rompendo com as estruturas tradicionais e lineares de conhecimento.

Na ampliação de horizontes, cabe ao leitor a resposta: afinal, arte, só na aula de arte?

Pensando a mediação artística/cultural

É a Arte como experiência, que a mediação cultural quer ampliar, ver e rever. Precisamos enquanto educadores compreender o potencial crítico e reflexivo que a atuação por meio da mediação da arte e da cultura possibilite pensarmos como direcionar nossa prática educativa voltada para uma percepção ampliada da realidade que ultrapasse concepções fechadas e pensar a educação para a arte pelo campo da experiência significativa diante uma produção artística.

“Encontros que germinam sensações, ações, sentimentos, pensamentos que vão configurando nossa forma de habitar o mundo. Encontros prazerosos que acolhem com curiosidade e abertura às descobertas e novas inquietações, ou encontros dificultados pela apatia, pela omissão, pelo confronto e oposição gratuitos, pelos preconceitos.” (Celeste, 2012, p.13)

Lembro-me dê quando era criança e de quando a escola fazia excursão para o Inhotim, são vagas as lembranças, mas vejo o que me fez entrar no mundo da mediação artística/cultural faz um tempo e eu não sabia o que era a “mediação” como

espectadora. É neste sentido que lidar com o espectador emancipado não é despejar informações, mas oferecer espaços para agir, observar, comparar, interpretar. É por isso que podemos dizer que mediar é “estar entre muitos”.

Eu estava lá vendo cada obra, seus sentidos e signos, construindo pontes e travessias.

“Cada um que chega a qualquer exposição já traz consigo suas referências pessoais, suas expectativas, seus saberes, seus medos.” (Celeste, 2012, p. 16)

Vejo que como espectadora sempre valorizei cada obra, independente se gostava ou não, mas gostava de estar no espaço cultural e de ser bem recebida pelos educadores no local que havia ali. Acredito que sem o mediador, na época quando tinha 13 anos, seria difícil a compreensão, porque na escola não é ensinado sobre crítica de arte. Sempre está no modo de observação de fruição, às vezes o mais divertido está em obras interativas como a “Cosmococa”, de Hélio Oiticica, um espaço que não possui linearidade ou hierarquia entre as salas expositivas, sendo assim podendo escolher os percursos onde poderia entrar.

Penso que cada ida aos espaços artísticos/culturais que visitei na infância e adolescência renderam nos aspectos de memória, cultura e linhas afetivas com os objetos museais, como também como fator educativo, que também gera conflitos, choques de cultura.

Porque se para alguns colegas de sala era normal, para outros nem tanto. Ir aos Museus ou espaços culturais era fora da realidade de alguns se deparar com uma turma inteira de cinquenta pessoas no museu, trazendo sua bagagem do que era arte como obras que sai da sua realidade às vezes arte pode ser um puro pichado.

Vejo o papel da escola como o fundador dos pensamentos quando traz a escola para esses espaços públicos, que tem que ser ocupados independente da classe social, A finalidade do processo de mediação é buscar a autonomia desses grupos e pessoas buscando transformação e de todos os envolvidos. Segundo Mirian celeste “os mediadores que ampliaram repertórios, provocaram reflexões, inquietações, perguntas outras, que ressoam na vida” (Celeste, 2012, p. 25)

Segundo Miriam Celeste (2012, p.11) mediação artística/cultural permite a construção de novos significados por meio da conscientização, valorização e crítica. Consegue influenciar percepções, imaginações, mobilizar as emoções e implicações afetivas das pessoas. Miriam Celeste observa que o mediador precisa entender “a diferença entre apresentação, explicação, interpretação, conhecimento teórico, informação e mediação cultural” (Celeste, 2012, p. 25) e Martins, que afirma que o maior desafio da mediação cultural é o de provocar uma experiência. Contudo, ainda que menos recorrentes, existem outras formas de se pensar uma mediação cultural menos impositiva.

O universo de conhecimento inerente a uma obra é inesgotável, uma rede infinita com múltiplos pontos. Na ação mediadora, no inter-relacionamento em que nos encontramos, é preciso ir além da simples apresentação ou explicação, interpretação ou informação. Larrosa (2004) nos lembra outro ponto importante da cultura contemporânea: a comunicação de Babel descrever situações em que há uma falta de entendimento mútuo ou uma barreira linguística que impede a comunicação eficaz., pois vivemos em uma Babel de múltiplas linguagens.

A mediação cultural é trabalhar em busca de potencializar encontros com a arte e a cultura. Como provocar aproximações com a poética da obra e do artista, provocar experiências estéticas que superem a anestesia característica de nossos tempos? Para isso, você precisa olhar para o outro. O que pode ser provocativo e facilitador para um, pode ser intimidador e opressivo para outro.

A mediação usada como fator de aproximação pode ser problemática, diz Miriam Celeste. Na ânsia de estabelecer uma ponte entre a obra e o público, a mediação recorre a estratégias simplificadoras, trazendo exatamente aquilo que se pretende defender. Ela tem que garantir que a obra seja apresentada em toda a sua plenitude, aproveitada da melhor forma possível.

Convívio que nos exige sensibilidade inteligente e inventiva para pinçar conceitos, puxar fios e conexões, provocar questões, impulsionar para sair das próprias amarras de interpretações reducionistas, lançar desafios, encorajar o levantamen-

to de hipóteses, socializar pontos de vistas diversos, valorizar as diferenças, problematizando também para nós o convívio com a arte. Muito mais do que ampliar repertórios com interpretações de outros teóricos, a mediação artística/cultural como a compreendemos, quer gerar experiências que afetem cada um que a partilha, começando por nós mesmos.

Além disso, a mediação artística/cultural desempenha um papel fundamental na preservação e preservação do patrimônio cultural. Ao estimular o interesse, a compreensão e a compreensão das diferentes expressões de arte e cultura, a mediação promove a preservação da diversidade cultural, das tradições e das memórias coletivas. Ela contribui para que as manifestações artísticas e culturais sejam reconhecidas, valorizadas e transmitidas para as futuras gerações.

Outro aspecto relevante é o potencial educativo da mediação artística/cultural. Ao proporcionar experiências enriquecedoras, ela promove o aprendizado e o desenvolvimento de habilidades cognitivas, emocionais e sociais. A mediação, nesse sentido, estimula a curiosidade, o pensamento crítico, a criatividade e a reflexão, confiante para a formação de cidadãos mais conscientes, críticos e participativos.

Por fim, a mediação também desempenha um papel no fortalecimento dos vínculos sociais e na construção de identidades individuais e coletivas. Ela propicia o encontro, o diálogo e a troca entre diferentes grupos e indivíduos, favorecendo a construção de relações sociais mais inclusivas e solidárias. Ao defender e tolerar a diversidade artística e cultural, a mediação contribui para o fortalecimento da identidade cultural e o enriquecimento da vida em comunidade.

“Na mediação, entre tantos, estamos atentos às falas, aos silêncios, às trocas de olhares, ao que é desvelado e velado, aos conceitos e repertórios que ditam os gostos, os modos de pensar, perceber e deixar-se ou não envolver pelo com-tanto, com a experiência de conviver com arte.

Convívio que nos exige sensibilidade inteligente e inventiva para pinçar conceitos, puxar fios e conexões, provocar questões, impulsionar para sair das próprias amarras de interpretações reducionistas, lançar desafios, encorajar o levantamento de hipóteses, socializar pontos de vista diversos, valorizar as diferenças problematizando também para nós o convívio com a arte.

Muito mais do que ampliar repertórios com interpretações de outros teóricos, a mediação cultural como a compreendemos, quer gerar experiências que afetam cada um que partilha, começando por nós mesmos. Obrigá-nos, assim, a sair do papel de quem sabe viver a experiência de quem convive com arte”.

(Mirian Celeste Martins, 2006, pagina62)



Figura 4, Sem título, aquarela, 2023

Através do processo de inquietação que a dúvida gera, consigo me expressar melhor. A experiência estética do fazer artístico e do contato com a expressão de outros possibilita o meu processo de transformação. Por meio da arte, entro em contato com outras perspectivas, o que me leva a refletir sobre meus próprios conceitos e gera afetações em mim, tanto durante a produção como na apreciação das obras. Os trabalhos que produzo refletem minha jornada no curso e oferecem aos que apreciam uma nova maneira de perceber as coisas.

Viajar, como propõe Martins, nos permitir conhecer territórios desconhecidos e abrirmos espaço e diálogo para experiências singulares que conduzam nosso olhar e percepção para a formação dos processos simbólicos do sujeito imaginante, da imaginação criadora como fundamental para as relações entre arte e cultura, ciência e educação se expressem por interseções.

Nem sempre nosso corpo está preparado para ações do que deveria ser uma conversa, quando o assunto é mediação artística/cultural muitas vezes torna-se uma experiência pesadosa, sem qualquer “porosidade”, ou como diria Mirian Celeste Martins, sem qualquer “contaminação estética”.

Ou seja, como ferramentas estéticas deveriam ser usadas em uma visita mediada?

Como a leitura de imagem é importante para o trabalho e a mediação de obra de arte?

Como a arte pode transformar a nossa vida?

O que permanece invisível no nosso dia a dia?

Nem tudo que a gente vive é experiência e às vezes as coisas ficam invisíveis, quando vemos algo do outro em nós, ou algo nosso no outro?

Professor - curador

“A memória é a gaveta dos guardados. Nós somos o que somos, não o que virtualmente seríamos capazes de ser. Minha bagagem são os meus sonhos.” Camargo (1998, p. 31)

O professor, também é um mediador. Percebo que buscar trabalhar os conteúdos de modo diversificado, conforme as particularidades de cada turma, mesmo que os conteúdos sejam os mesmos, as abordagens serão diferenciadas a partir do contexto particular de cada sala de aula. Ao mediador como pessoa, ou à equipa que assume a função de ponte, ligação ou catalisador dos processos de mediação. Na prática pedagógica, as imagens escolhidas em sala de aula podem ter diferentes focos. Podem sair primeiramente das nossas gavetas de guardados, mas podem também ser ampliados pelas gavetas de outros educadores. Filmes, livros, horas de navegação na Internet também podem alimentar a vontade de colecionar imagens para ativá-las culturalmente, a partir do que lemos delas e de nossos alunos, parceiros na experiência estética.

A ideia de permitir aos estudantes o contato sensível direto com elementos culturais, em suportes de caráter histórico e artístico, tendo o professor como mediador, faz diferença mudando a forma de enxergar a arte. Com a variedade de obras expostas, ouvir a voz do artista, estagiar na Galeria, a professora em formação pode participar de forma mais efetiva, concretizando uma educação estética, além de artística.

Assim, fui estagiária em um centro cultural onde aconteciam as formações dos educadores, às quartas-feiras, e visitas a outros museus do circuito. Sinto que ali havia uma preocupação dessa formação de como sairia dessa visita e de quais questionamentos foram levantados. Fazer uma mediação e também fazer um planejamento de uma visita, escolher uma

obra para conversar com as falas do público, trazendo críticas.

Na mediação, entre tantos, estamos atentos às falas, aos silêncios, às trocas de olhares, ao que é desvelado e velado, aos conceitos e repertórios que ditam os gostos, os modos de pensar, perceber e deixar-se ou não envolver pelo contato, com a experiência de conviver com a arte. A direção escolar é um lugar muito “gostoso” e sensível, um laboratório de risco, loucura, paixão e criação artística, em tantos saberes que os professores provocam, são provocados, alimentados.

Dentro desses diferentes contextos, o sentido aqui empregado refere-se à mediação cultural enquanto ação educativa. Uma relação de troca de conhecimentos, de reflexão crítica sobre o mundo social e cultural que permite ao indivíduo se perceber enquanto atuante nessa construção da realidade. No campo da educação, a mediação também tem sido utilizada para respaldar o perfil atual do professor, compreendido enquanto educador/propositor de conhecimentos.

Por mais que nos períodos iniciais as aulas que me faziam refletir sobre o exercício da arte/educação tivessem sido muito importantes, eu acredito que foi no terceiro período que a minha relação do “eu” enquanto educadora começou a mudar. Tanto porque, nessa altura, me vi iniciando as disciplinas de estágio de docência, deixando-me em um misto de curiosidade e nervosismo - estados esses que não são necessariamente negativos- quanto pelo fato de perceber, hoje, um começo de amadurecimento enquanto uma estudante de um curso de ensino superior. Foi a partir desse último estágio comecei a perceber, de forma prática, o impacto da educação artística nas escolas e a me interessar por essas mudanças que o estudo da arte proporciona no cotidiano desses estudantes. Poder compartilhar, um pouco do que sei, pessoas e textos que mudaram a minha vida, na esperança de que pudesse mudar a vida deles também, me deixava bastante contente. Me via nesses estudantes e na professora nos momentos em que eles se animavam junto comigo. Que acederam as fagulhas meus pensamentos mais criativos. . Certamente eu ainda tenho muito chão para percorrer enquanto professora, mas essa identificação me ajudou na construção de uma identidade enquanto educadora, entendendo que existem outras formas de processos educativos para além daqueles que eu havia tido contato enquanto estudante da educação básica. Além disso, hoje eu compreendo que a arte serve como uma potência de exercício da criatividade para aquele que se relaciona com ela, existindo, dessa maneira, processos educativos na prática de arte para além dos espaços formais de educação.

A invenção de curadorias educativas também foi vivenciada por alunos da Prof.^a Silvia Amélia, do Centro Pedagógico da UFMG, na Escola de Belas Artes da mesma instituição. Foi uma visita a uma mostra coletiva de fotografia pinhole, onde 8(oito) artistas expõem no Espaço F - 2.º andar.

O fio condutor para acontecer essa ida partiu dos próprios alunos falando com a professora em meio a uma aula “cadê a imagem?” Quando eu estava tirando fotos com uma câmera analógica com filme, me veio uma inquietação e essa vontade de falar sobre o assunto e levá-los a uma exposição onde tivesse fotografias. Quando aconteceu surgiram perguntas como “tem um fantasma nessa foto” e “a imagem da roda gigante está rápida demais”, “parece que alguém morreu”, “eu quero essa câmera de soldados!”

Fiz um pequeno roteiro: primeiro pedi para que eles usassem um visor para olhar as fotografias e pensar como os artistas pensam em tirar as fotos. Se fosse de longe ou de perto, seria necessário abrir esse espaço de questionamentos. Depois, ao longo da exposição, houve o momento de contemplação.

Penso nas potências para construir o ensino de arte, nesse lugar. A possibilidade de vivenciar uma escola contemporânea inventiva, ter aula fora da sala de aula, trilhando novos caminhos de uma escola sem muros.

Esse espaço alterado através da criação artística e por meio do processo expressivo levou a abertura de contatos com o outro: “Promover diferentes formas de organização espacial na sala de aula acolhendo os corpos para interagirem com outros corpos. Deslocando a “aula” para outros espaços, seja o pátio da escola, seja a praça ao lado, seja um museu. Provocando a conversação, a troca, o encontro de corpos perceptivos que vivifiquem os órgãos dos sentidos, para que haja uma relação cada vez mais aguda com o mundo. (...) corpos-pesquisadores, corpos-conhedores, corpos-expressivos instaurando uma potência maior de vida nos processos educacionais.” (MARTINS, 2012: 37-38).

A reverberação da relação da arte e a mediação. Por meio do fazer artístico, busca-se desenvolver o processo reflexivo dos estudantes para uma formação mais coerente em relação ao perfil profissional como arte/educadores.

Segundo Ana Mae Barbosa e Coutinho (2009,p.13),“a arte tem enorme importância na mediação entre seres humanos e o mundo”,

É preciso pensar as instituições de arte não só como territórios de fruição estética, mas como espaços ativos de escuta, construção de saberes, interpretação de culturas e fortalecimento das noções de cidadania. Isso desdobra na ampliação do repertório cultural dos visitantes, promovendo uma reflexão de valores e contribuindo para as diferenças.

Para tanto, é fundamental o investimento na formação de educadores capacitados e de novos agentes para o sistema da arte, com as suas complexidades. E as visitas mediadas e o serviço educativo colaboram na construção dos processos de inclusão e na democratização do acesso. A escola desempenha um papel crucial no processo de mediação cultural, pois possui a capacidade de expor os alunos a diferentes formas de arte e contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia. Ao oferecer acesso a manifestações culturais diversas, a escola amplia os horizontes dos estudantes, permitindo que eles se familiarizem com diferentes expressões artísticas, como música, dança, teatro, literatura, pintura, escultura, entre outras.

Ao proporcionar experiências artísticas e culturais enriquecedoras, a escola estimula o desenvolvimento do senso estético e da sensibilidade artística nos alunos. Além disso, uma exposição a diferentes formas de arte contribui para a apresentação do repertório cultural dos estudantes, promovendo a compreensão e a valorização da diversidade cultural.

A escola também desempenha um papel fundamental ao fomentar o pensamento crítico nos alunos. Através da mediação artística/cultural, os estudantes são incentivados a analisar e refletir sobre as obras de arte, compreendendo seus significados, contextos históricos e sociais. Essa análise crítica permite que os alunos questionem e formem suas próprias opiniões, desenvolvendo a capacidade de pensar de forma independente e argumentativa.

Além disso, é importante ressaltar a importância de tornar os espaços culturais acessíveis a todas as classes sociais. A escola desempenha um papel fundamental para garantir que todos os estudantes tenham oportunidades iguais de acesso

à cultura, independentemente de sua condição socioeconômica. Ao promover visitas a museus, teatros, galerias de arte e outros espaços culturais, a escola contribui para a democratização do acesso à arte/cultura, proporcionando experiências enriquecedoras a todos os alunos.

Dessa forma, a escola desempenha um papel essencial no processo de mediação artística/cultural, ao expor os alunos a diferentes formas de arte, promover o pensamento crítico e a autonomia, e garantir a acessibilidade dos espaços artísticos e culturais a todas as classes sociais. Por meio dessas ações, a escola contribui para a formação de cidadãos mais conscientes, sensíveis e participativos na sociedade.

Não se pode realizar educação ou mediação cultural sem considerar o afeto. Somos seres interativos e nos afetamos mutuamente. Conforme salienta Miriam Celeste, o principal objetivo da mediação cultural é:

(...) possibilitar encontros com a arte e a cultura, aproximações à poética da obra e do artista, provocar experiências estéticas que superem a anestesia. Para isso, é preciso olhar o outro e seus desejos. O que pode ser provocador e facilitador para um, pode ser intimidador e opressor para outro. Logo, mediar é estar entre muitos e entre desejos das instituições culturais, dos educadores no museu, dos artistas, dos curadores, dos visitantes – sejam crianças, adolescentes, adultos, pessoas com necessidades especiais, professores, instituições escolares, famílias (...). Não há receitas de uma boa mediação cultural, pois a arte é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afetos. (MARTINS, 2014, p. 226-227)

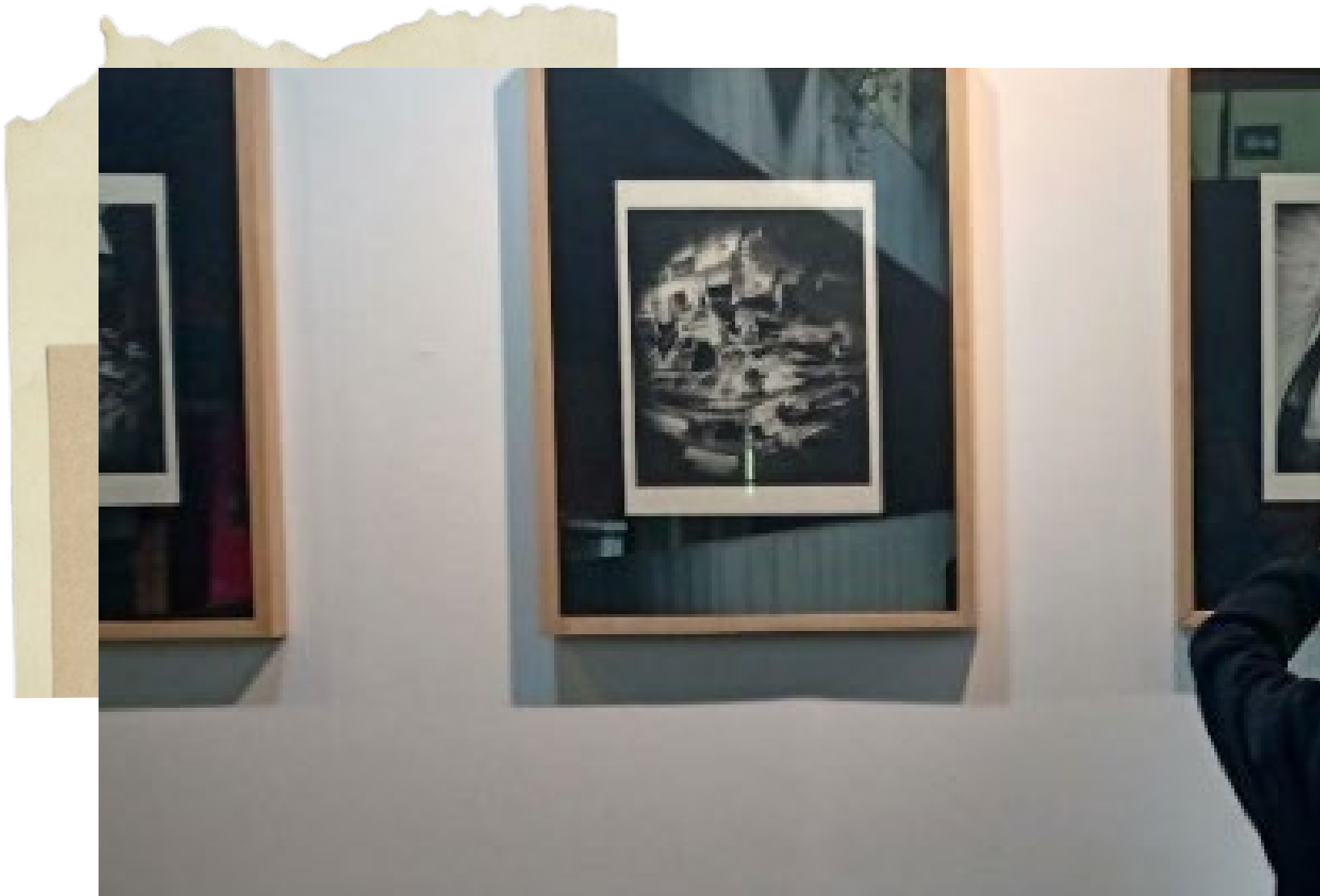




Figura 5, Exposição no espaço F na escola de Belas Artes. Fonte arquivo pessoal.

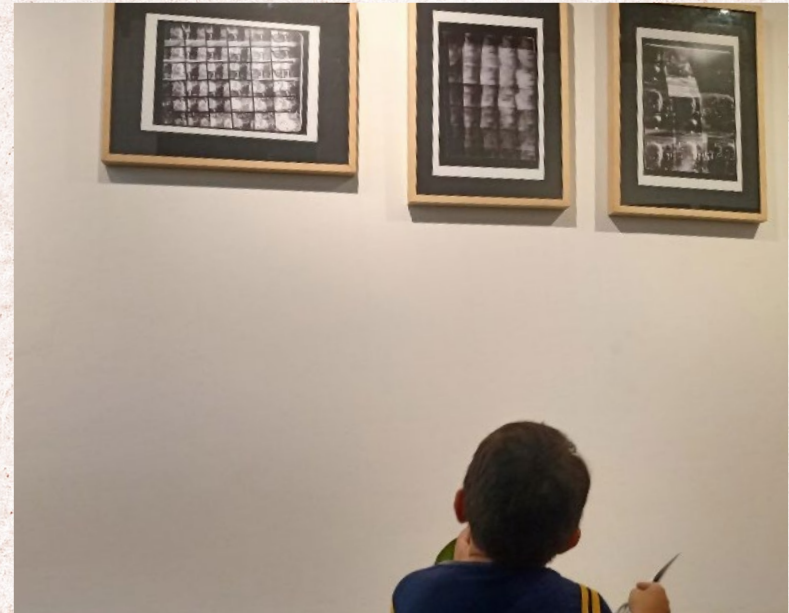


Figura 6, Montagem de fotos da Exposição no espaço F na escola de Belas Artes. Fonte arquivo pessoal

Despedida

Concluir este TCC não diz respeito apenas a uma última página escrita, a um ponto final, mas envolve o fim de um ciclo na graduação, da convivência com pessoas que me acompanharam nessas descobertas e diz respeito a terminar este projeto, o qual construí com muito carinho. É um momento muito importante: tomar a decisão por terminar algo e compreender que agora é preciso abrir espaço para coisas novas. Ao tomar a escola e os espaços culturais enquanto objeto de estudo, consegui ampliar a minha concepção sobre processos de criação, entendendo que nesses registros do cotidiano habitam possibilidades poéticas muito potentes. Além disso, consegui compreender que a arte e a educação caminham juntas e oferecem novas perspectivas e possibilidades de caminhos nos processos criativos, inserindo o olhar do outro como constituinte da minha própria poética artística. Junto a isso, escrever este texto e investigar os caminhos que a escola evidenciou caminhos internos que, até então, não conseguia trilhar, talvez pelo medo de descobrir esses novos lugares, ou mesmo por uma falta de atenção pelas coisas que já estavam aqui dentro. A cada parágrafo escrito e a cada página revisitada, sentia que alguma mudança ocorria, seja na minha forma de escrever, seja nas descobertas e associações sobre mim e o meu trabalho enquanto artista educadora.

Acredito que o estudo que apresentei seja um início para outras novas descobertas. Hoje eu consigo reconhecer e refletir sobre os caminhos que percorri durante esses anos na graduação, mas com o peito aberto para experimentar novas aventuras artísticas, entendendo de onde eu vim - respeitando o meu próprio tempo de viagem.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

BARBOSA, Ana Mae e COUTINHO, Rejane Galvão. (Orgs.). **Arte/Educação como Mediação Cultural e Social**. São Paulo: Unesp, 2009.

CLARK, Lygia. Livro-obra. Rio de Janeiro, 1983.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. 2ª Edição. / Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo: Intermeios, 2012. 162 p. 16 x 23 cm.

MARTINS, Mirian Celeste. Mediação: **provocações estéticas**. **Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes**. Pós-graduação. São Paulo, v. 1, n. 1, 2005.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.